

FELPO FILVA

Eva Furnari



Resenha

Felpe Filva, o protagonista dessa história, é um coelho casmurro, porque, como afirma em sua autobiografia: *Quando eu era pequeno sofri muito porque tinha uma orelha mais curta que a outra. Os colegas sempre zombavam de mim...*

Felpe poderia ter ficado sozinho para sempre não fosse ter recebido, um dia, uma cartinha de Charlô, uma fã que discordava do conteúdo pessimista e dramático de alguns dos poemas que o poeta escrevia e que, ainda por cima, tinha tido a audácia de reescrevê-los ao seu modo.

Injuriado com o atrevimento de Charlô, Felpe inicia uma troca de correspondência em que o tom mal-humorado das primeiras cartas vai, aos poucos, ficando cada vez menos amargo até ficar tão doce quanto os bolinhos de chocolate da avó de Felpe.

É claro que essa troca de cartas entre Felpe e Charlô só podia acabar em casamento. Afinal, orelhas diferentes são um tremendo charme.

Escritor de sucesso assediado pelos fãs, ainda se ressentia das chacotas de que era vítima na infância. É a crítica audaciosa de Charlô aos seus poemas que desencadeia a mudança: revelar a doçura e o humor que se escondem sob o manto do rancor.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

O tema da diferença é colocado explicitamente, sem rodeios, mas não espere sermões mal-humorados, como os poemas da primeira fase de Felpo. Porém, não é só isso. Há também a enorme variedade de textos com que convivemos, humanos e coelhos, nos mais diferentes contextos enunciativos, não espere “ponto” na lousa.

Nos bastidores do saboroso meiquinhofe (*making of*), Eva Furnari mostra como é possível aprender com humor. Ao longo da narrativa, a autora mostra como é possível refletir com leveza sobre tema tão delicado como o respeito às diferenças.

P.S.

Eva Furnari dedicou essa história a todos aqueles que têm orelhas diferentes, portanto, a todos nós, leitores, pois afinal, quem não tem alguma “orelha” diferente? Não é um luxo ler um livro que foi dedicado a nós?



Depoimento

De Pedro Felicio,
ator, músico e pai

Eva Furnari, famosa aqui em casa, bateu-nos à porta mais uma vez. Mas dessa vez foi diferente. Agora meu filho mais velho sabe ler. Está lendo mais a cada dia. É um desafio e um prazer para ele ler textos novos. Tem se arriscado também a escrever. Felizmente, esse livro é exatamente sobre ler e escrever.

Tudo em *Felpe Filva* brilha nos olhos de uma criança que está descobrindo com tanto gosto a escrita. Nossos questionamentos e descobertas começaram diante da pergunta rápida e sagaz de minha filha pequena, logo na primeira página: “Poeta? O que é poeta?”.

Podem imaginar a felicidade de um pai que recebe essa pergunta justamente com esse livro?

É até difícil organizar as impressões das crianças, pois a leitura foi tão agradável, tão gostosa para nós três, que uma série de comentários ou exclamações das crianças me escaparam, ofuscados, talvez, pelo fulgor da página seguinte.

Mas, sim, é verdade que foi especialmente atraente para meu filho “letrado”. Para ele, as diferentes organizações dos textos, as letras cursivas e bastão, a máquina de escrever, a organização

da receita de bolo, as palavras que desaparecem na água da chuva, o hilário conto de fadas (o guri rolou de rir nesse trecho, literalmente), a fábula e sua moral da história um tanto subversiva. Tudo foi descoberta.

Antes de chegarmos aos comentários finais, ele já perguntava sobre o formato das cartas, sobre a receita de bolinhos (que prometemos fazer aqui em casa), sobre o telegrama (é muito surpreendente para uma criança dessa geração a ideia de um telegrama), sobre a bula, os nomes do médico, do laboratório. O *post post scriptum* foi um desbunde para ele. Os diálogos, as personagens divertidíssimas, as centenas de notas de humor e jogos de palavras.

Mesmo sendo um livro para um leitor mais familiarizado com a cultura escrita, a pequena também se divertiu muito com as ilustrações e sua relação com a própria narração. As orelhas diferentes, que despertaram a atenção para os olhos diferentes, para as roupas, para o envelope lilás, para os móveis da casa, para os cremes da Charlô. Um encaideamento de interesses fantástico e muito coerente com a própria ideia central da obra, expressa na dedicatória de Furnari: “a todos aqueles que têm orelhas diferentes”.

O alimento literário desse livro é algo para se digerir por muito tempo. Minha filha, na manhã seguinte à leitura, pediu para lermos de novo. O que

é surpreendente, já que a história é longa para a idade dela. Mas lemos. Duas vezes.

Pois é, parece que não pararemos de ler assim tão cedo. Afinal, agora tenho dois filhotes esfomeados por literatura.

Um pouco sobre a autora

Eva Furnari nasceu em Roma, Itália, em 1948, e veio para o Brasil aos dois anos de idade, onde reside até hoje. Formou-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo e foi professora de Artes no Museu Lasar Segall. Na década de 1980, colaborou como desenhista em diversas revistas. Publicou semanalmente, por quatro anos, histórias da *Bruzinha* no suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. Começou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980 e hoje tem mais de 60 livros publicados. Possui livros adaptados para o teatro e publicados no México, Equador, Guatemala, Bolívia e Itália. Ao longo de sua carreira, Eva Furnari foi agraciada com diversos prêmios. Entre eles, recebeu por sete vezes o Prêmio Jabuti, da CBL, e foi premiada diversas vezes pela FNLIJ. Também recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto da obra.



Da mesma autora e mesma série

- ✕ *A bruxa Zelda e os 80 docinhos*. São Paulo, Moderna.
- ✕ *Amarílis*. São Paulo, Moderna.
- ✕ *Pandolfo Bereba*. São Paulo, Moderna.
- ✕ *Lolo Barnabé*. São Paulo, Moderna.
- ✕ *Tartufo*. São Paulo, Moderna.
- ✕ *Umbigo indiscreto*. São Paulo, Moderna.
- ✕ *O feitiço do sapo*. São Paulo, Moderna.
- ✕ *Rumboldo*. São Paulo, Moderna.

Sobre o mesmo assunto

- ✕ *Alguém muito especial*. Miriam Portela, São Paulo, Moderna.
- ✕ *Maria Noite, Maria Dia*. Elisabeth Maggio, São Paulo, Moderna.
- ✕ *Sempre haverá um amanhã*. Giselda Laporta Nicolelis, São Paulo, Moderna.
- ✕ *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

